

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**SAMARA ROSSO POSSAMAI DELA**

**PROGRAMA SEGUNDO TEMPO: ANÁLISE DAS POSSIBILIDADES  
PEDAGÓGICAS DE REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR**

**CRICIÚMA, DEZEMBRO 2011**

**SAMARA ROSSO POSSAMAI DELA**

**PROGRAMA SEGUNDO TEMPO: ANÁLISE DAS POSSIBILIDADES  
PEDAGÓGICAS DE REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Ana Lucia Cardoso

**CRICIÚMA, DEZEMBRO 2011**

**SAMARA ROSSO POSSAMAI DELA**

**PROGRAMA SEGUNDO TEMPO: ANÁLISE DAS POSSIBILIDADES  
PEDAGÓGICAS DE REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Física escolar.

Criciúma, Dezembro de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Ana Lucia Cardoso (UNESC) – Mestre - Orientador

Prof. Carlos Augusto Euzébio - Mestre - (UNESC)

Prof. Luis Afonso dos Santos -Mestre - (UNESC)

**Dedico este trabalho a minha família, meu esposo, meus amigos e meus orientadores.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por estar sempre presente comigo, e a cada dia me dá força para lutar e vencer os momentos difíceis de minha vida, pois são com essas experiências que aprendemos e acrescentamos algo de importante.

Agradeço toda a minha família pelo apoio e confiança, meu pai Santilino por ser um homem de fibra, justo, honesto e sempre mostrando os verdadeiros valores da vida, por ter coragem de criar seus filhos sozinho e não ter nos abandonado nos momentos difíceis. A minha mãe Nerli que mesmo não estando perto sempre me apoiou em todas as minhas decisões e me incentivou a lutar por todos os meus sonhos. Aos meus irmãos que tanto amo, agradeço por sempre me incentivar nos meus estudos, agradeço todo amor e carinho que me deram.

Ao meu esposo agradeço principalmente a paciência, por ouvir meus desabaços nos momentos de estresse e com muita sabedoria me dar conselhos que foram essenciais para minhas decisões, estando presente nos momentos mais difíceis e por tratar tudo com muito amor e carinho sempre que precisei.

Não posso esquecer-me dos meus amigos de classe, Ana Maria, Regiani, Wellington, que iniciaram a faculdade comigo e conseguiram suportar durante esses quatro anos os meus ataques de brabeza, há vocês muito obrigada por tudo.

Enfim agradeço aos meus mestres, professores que foram peça fundamental desta história, estando sempre dispostos a tirar dúvidas, a escutar reclamações, sempre dando um jeitinho para as coisas funcionarem, tendo muita paciência e principalmente pelo conhecimento e experiências compartilhadas com todos nós.

Agradeço de coração aos professores da banca Ana Lucia, Carlos Augusto e Luiz Afonso por aceitarem o meu convite. Desejo tudo de bom e que Deus ilumine o caminho de vocês na fé e no amor.

**“Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”**

**(Paulo Freire)**

## RESUMO

O problema da violência vem crescendo na sociedade e passando a ocupar um lugar de destaque no contexto escolar. As relações vividas pelos alunos na sociedade se refletem no ambiente escolar. Como estratégia de política pública o governo federal buscou instituir programas esportivos que consigam abordar esses problemas sociais. O Programa Segundo Tempo (PST) é um desses programas que tem como objetivo democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte promovendo o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens. Esse estudo busca analisar se o PST consegue junto com as propostas pedagógicas da educação física, oferecer subsídios para a elaboração de estratégias de prevenção e diminuição da violência escolar. Percebendo como problemática: As diretrizes do PST se articulam com as propostas /possibilidades pedagógicas de redução da violência escolar? Para este debate nos baseamos nas pesquisas e conhecimentos de autores que abordam em seus estudos o determinado tema, caracterizando uma pesquisa bibliográfica. Acredita-se que os jogos e suas regras apontam para grandes possibilidades no entendimento de mundo e sociedade, contribuindo para a compreensão de regras, direitos, deveres, limites, respeito e companheirismo. Para que isso aconteça é necessário que as estratégias de intervenções pedagógicas se baseiem no planejamento de aulas com caráter crítico, reflexivo e social, levando o aluno à compreensão e reflexão da realidade. Conclui-se que os conteúdos abordados nas diretrizes do PST - se corretamente compreendidas e desenvolvidas pelos professores em sua prática diária -, conseguem se articular com as propostas pedagógicas da educação física para a diminuição da violência. Pois ambas têm por objetivo a formação de sujeitos críticos e autônomos para transformação da realidade em que estão inseridos, por meio de uma educação de caráter crítico.

**Palavras-chave:** Violência escolar, Programa Segundo Tempo, Professor de Educação Física, Intervenções pedagógicas.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	12
2.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR .....	12
2.2. OS DIFERENTES TIPOS E MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA .....	15
<b>3 PROGRAMA SEGUNDO TEMPO</b> .....	18
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA O PST .....	18
3.2 DIRETRIZES E PRINCÍPIOS DIDÁTICO PEDAGÓGICOS .....	20
3.3 ESPAÇOS FÍSICOS, MATERIAIS E UNIFORMES .....	22
<b>4 O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA</b> .....	24
4.1 NÃO HÁ DOCÊNCIA SEM DISCÊNCIA.....	27
<b>5 POSSÍVEIS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA</b> .....	31
5.1 CRÍTICO SUPERADORA.....	31
5.2 CRÍTICO EMANCIPATÓRIA .....	35
<b>6 A GUIA DE CONCLUSÃO: ARTICULANDO OS TEMAS PST, VIOLÊNCIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO FÍSICA</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42

## 1 INTRODUÇÃO

A violência nos dias de hoje se tornou um dos assuntos mais preocupantes no ambiente escolar, passando a ocupar um espaço de destaque nas conversas cotidianas das famílias e da sociedade.

Minha atuação como professora iniciou no Programa Segundo Tempo (PST) de Jacinto Machado. Neste programa atuei como monitora juntamente com mais três meninas, uma delas formada em pedagogia. Trabalhei três anos no projeto percebendo um grande índice de violência entre os alunos e a falta de respeito com os professores, o que tornava mais difícil o trabalho docente.

Havia dois núcleos do Programa Segundo Tempo em Jacinto Machado, atendendo cerca de 200 jovens e adolescentes. Atualmente o município possui apenas um núcleo atendendo 100 alunos, em função do corte de verba do governo federal. As crianças que frequentavam o PST não têm mais o que fazer durante o seu contra turno escolar.

A maioria dos alunos que frequentava o projeto vinha de bairros com baixo nível socioeconômico, apresentavam problemas na relação familiar e não possuíam uma educação de qualidade. Muitos dos pais das crianças do Programa tinham um histórico de violência doméstica, problemas com drogas – lícitas e ilícitas - e toda essa circunstância refletia diretamente no comportamento e desenvolvimento dos alunos. Por serem crianças carentes e passarem por necessidades básicas, o que mais chamava a atenção é que muitas delas vinham até o projeto exclusivamente porque o programa oferecia alimentação.

Perguntava-me a época – e ainda hoje - se o projeto ajuda ou não essas crianças e adolescentes de alguma maneira; se consegue reverter o quadro atual de injustiça; a exclusão e vulnerabilidade social, dando direito iguais a todos.

Diante de tantas dúvidas resolvi pesquisar sobre as diretrizes pedagógicas do programa segundo tempo e se elas conseguem impactar positivamente esses problemas sociais. E principalmente se os professores juntamente com as diretrizes pedagógicas do programa conseguem interferir neste contexto criado pela violência escolar nas aulas de educação física.

Nesse sentido o estudo tem como **tema:** Programa Segundo Tempo: análise das possibilidades pedagógicas de redução da violência escolar; e como

**problema:** As diretrizes do PST se articulam com as propostas possibilidades pedagógicas de redução da violência escolar?

Como **objetivo geral** do estudo: Refletir se as diretrizes do PST se articulam com as propostas pedagógicas de redução de violência escolar. Tendo como **objetivos específicos:** Elencar os tipos de comportamento que levam a violência; Identificar as possibilidades metodológicas da educação física em relação a temática; Apresentar os eixos pedagógicos do PST.

O presente trabalho foi estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo aborda-se a fundamentação teórica na qual se sustenta os aspectos da Violência Escolar; Os diferentes tipos e manifestações da violência; no segundo capítulo O Programa Segundo Tempo; no terceiro capítulo O papel do professor de educação física na prevenção da violência e o ultimo capítulo aborda as Propostas de intervenções pedagógicas nas aulas de educação física.

Utilizaremos a pesquisa de Bibliográfica a fim de buscar respostas às questões levantadas no estudo. Segundo Mattos (2004), a pesquisa bibliográfica é considerada o primeiro passo de qualquer pesquisa científica, pois recolhe e seleciona conhecimentos prévios e informações acerca de um problema ou hipótese, já organizados e trabalhados por outro autor.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica foi desenvolvida da seguinte forma: Violência escolar, Os diferentes tipos e manifestações de violência, Programa Segundo Tempo, Papel do professor de educação física na prevenção da violência e as Propostas de intervenções pedagógicas nas aulas de educação física.

### 2.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência nas escolas tem gerado profundos debates em relação às suas causas. Observa-se esta ocorrência, em sua maioria, nas escolas públicas, mas já se encontram casos significativos também em escolas particulares, sem contar o esforço que fazem para esconder os casos de violência que ocorrem em seu interior.

Este fato é constatado diariamente na maioria das escolas, em que se percebe uma verdadeira guerra urbana das ruas dentro da escola, cuja violência não é abordada ou discutida em sala de aula.

Segundo Charlot (apud CUBAS, 2006) o problema da violência escolar não é recente, mas são consideradas novas as formas pelas quais essa violência se manifesta, e divididas pelo autor em quatro aspectos:

- O surgimento de formas de violência mais grave;
- a idade cada vez menor dos alunos envolvidos nos casos de violência;
- A ação de agentes externos que ocupam o espaço da escola com agressões geradas fora dela;
- A repetição e o acúmulo de pequenos casos que não são necessariamente violentos que criam a sensação de ameaça permanente.

A violência que acontece não é casual, é socialmente construída e ela pode ser previsível, basta ter conhecimento da origem da violência que está presente na escola, sendo possível elaborar estratégias que impeçam que ela continue e se desenvolva. (CUBAS, 2006)

Nas escolas, os adolescentes e jovens interagem com outros alunos diferentes deles, entre outros aspectos, da cor, da sexualidade, da nacionalidade, do corpo, da classe socioeconômica. Essa interação com o diferente, quando não é

problematizada nas aulas, se dá por meio de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência.

A escola é um espaço onde diferentes referências se encontram e ao menos durante algumas horas são obrigadas a conviver conjuntamente. Aprender a conviver com a diferença e a lidar com alguns conflitos que dela se originam, faz parte do aprendizado escolar. (ALVES, 2006, p. 125).

A falta de limites associada à desconsideração pelos outros contribuem para que os jovens e adolescentes busquem impor-se pela força e pela agressão. A rejeição frequente de sua própria família faz com que fracasso em fracasso arrastem seu ódio e amargura. (COLOMBIER, MANGEL; PERDRIALT, 1989).

A violência na escola tem suas raízes na violência no bairro, na família e em várias causas como a pobreza e a privação. Se no bairro e na família a pobreza e a escassez de recursos agudizam a violência, o mesmo ocorre nas escolas. (CUBAS, 2006)

A violência é ampliada pela falta de recursos materiais e humanas das escolas e por sua deterioração física. A contenção da violência exige intervenções que para serem bem sucedidas tem que envolver a participação das famílias em situação de risco, das entidades da comunidade e das escolas. (CUBAS, 2006, p. 35)

Quando os alunos começam a desaparecer e a se esconder por algum tempo, estão tentando chamar a atenção para que as outras pessoas vejam que eles existem. Estes alunos são dilacerados por sua própria violência, destruidores e revoltados ou submetidos até a inexistência, fazendo com que os professores e educadores se sintam desorientados. (COLOMBIER, 1989).

Não podemos desejar que a escola apague as dificuldades de cada um, mas poderíamos desejar que ela não reproduzisse as mesmas situações de exclusão. (COLOMBIER 1989).

Segundo Colombier (1989, p. 26)

Em oposições a estas violências espetaculares, o que acontece diariamente é a depressão, o tédio, o desgosto. Gerações de alunos passam fechados em seu silêncio, bem comportados, muito bem comportados, sem desejos, sem palavras. Alguns tipos de violência sempre existiram e outros são novos, que o medo da autoridade evoluiu, mas a urgência se situa nas respostas que temos de dar, de nosso lugar de adultos, as violências cotidianas.

Além da violência contra o patrimônio escolar, existem também as violências contra as pessoas produzidas pela própria dinâmica das relações escolares. Estas manifestações de violência estão presentes nas relações entre alunos, professores e alunos, alunos e direção e algumas vezes, até mesmo entre direção e professores. (ALVES, 2006)

“O cenário da escola não se limita às suas paredes e objetos, é necessário saber e perceber que entre as pessoas circulam: saber, mas também, raiva, ódio, amores, agressões.” (COLOMBIER, 1989, p. 22).

Para Alves (2006, p. 133)

As escolas na tentativa de se protegerem tanto das violências que ocorrem no seu entorno como também furtos, costumam adotar medidas de segurança que resultam, principalmente, no fechamento do espaço escolar por meio de grades, muros e portões.

Alguns programas incentivam o uso da escola pela comunidade, buscando aumentar a oferta local de atividades recreativas, culturais e de lazer como também diminuir a exposição da população à violência. (ALVES, 2006)

Estas situações exigem ações educativas para conscientização a não violência e formas pacíficas para resoluções destes problemas, potencializadas por ações e políticas públicas. A escola, em particular a que está no meio da violência, possui potência em seus limites de instituir palavra como forma de mediação de conflitos, talvez seja este o papel educativo da escola. (ALVES, 2006).

“Nem sempre a melhor forma para amenizar os problemas de segurança na escola estava em grades e muros, mas sim em um melhor relacionamento com a comunidade do seu entorno”. (ALVES, 2006, p. 140)

Para que a relação entre escola e comunidade seja possível o autor sugere que a escola

Modifique seus conceitos sobre comunidade, assim como a comunidade modifique seus conceitos sobre a escola. Isto é as pessoas da comunidade não devem representar apenas violência, ameaça ou perigo, de quem sempre a escola deve se distanciar e se proteger. E a escola, para a comunidade não deve ser vista como algo que só serve aos alunos a ela vinculados e não a sociedade como um todo. (ALVES, 2006, p. 142)

O êxito para a prevenção da violência escolar “dependerá muito da participação dos diferentes membros da comunidade escolar no seu

desenvolvimento, bem como da disposição para quebrar algumas barreiras hierárquicas, tão comuns em nosso sistema de ensino.” (RUOTTI, 2006, p. 211)

A violência se não tratada dentro dos limites da escola acaba progredindo, ultrapassando muros e atingindo o bairro, cidade, enfim a sociedade, criando um círculo vicioso que liga a violência da rua e a violência escolar.

## 2.2 OS DIFERENTES TIPOS E MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA

Neste subcapítulo serão tratadas situações apontadas como as mais vivenciadas dentro da escola, assim como os motivos que as desencadeiam. As mais comuns manifestações de violência na escola são brigas, xingamentos, brincadeiras violentas, apelidos e vandalismo. A violência é um reflexo dos comportamentos e relações vividas fora dos portões, trazidas para dentro das escolas.

Além da dificuldade de definir a violência na escola, outra tarefa difícil é identificar quais os atos que devem ser considerados violentos e como podem ser evitados. (CUBAS, 2006).

Charlot (apud CUBAS, 2006) apresenta três tipos distintos de violência: primeiro, a violência na escola, quando ela é o local da violência que tem origem externa a ela; segundo, a violência à escola relacionada às atividades institucionais e que diz respeito a casos de violência direta contra a instituição e a terceira violência da escola; entendida como violência em que as vítimas são os próprios alunos.

Segundo o autor existe uma hierarquia entre as diversas concepções de violência. Em primeiro lugar estaria a violência física em que a consequência seria danos a vida dos indivíduos; em segundo lugar a violência econômica que se refere aos danos causados ao patrimônio; e em terceiro lugar a violência moral ou simbólica. (CUBAS, 2006)

Segundo Cubas (2006) na violência existem causas internas e externas. As causas externas são os ideais de gênero, sexismo, racismo e xenofobia, migração e conflitos regionais, estrutura familiar dos alunos, influências da mídia, características em que a escola está inserida. As causas internas que se originam no interior da escola, são idade e nível de escolaridade dos alunos, regras, disciplina e o sistema de punições das escolas, a indiferença dos professores frente a todos os

casos de violência, a má qualidade do ensino, carência de recursos humanos e a relação de autoridade entre professores e alunos.

Nos casos de grande violência, os alunos que provocam agressões, geralmente, são vítimas de assédio moral entre colegas, sofrendo constantes piadas e gozações, recebendo apelidos e sendo discriminados por outros alunos. A violência está presente na escola, nos mais diferentes países e se manifesta sob múltiplos aspectos. (CUBAS, 2006)

Cubas (2006, p. 29) diz que

Entre 1950 e 1975 houve uma mudança no padrão do comportamento indesejado no ambiente escolar que passou a adotar práticas cada vez mais violentas. Dos atos de violência contra a propriedade passou-se a ter a violência contra a pessoa, assim com brigas passaram das agressões verbais para o uso de armas, com a ocorrência de alguns desfechos fatais.

A partir da identificação das origens de cada um dos problemas que ocorrem numa determinada escola, melhor seria focar nas medidas mais adequadas de prevenção. (CUBAS, 2006)

Cubas (2006) ao discutir bullying o define como um tipo de violência, física ou psicológica, causada pela repetição de atos e pelo desequilíbrio que pode ocorrer entre agressor e vítima. No ambiente escolar bullying significa uma série de agressões como xingamentos, apelidos, fofocas, empurrões e chutes que ocorrem com frequência contra uma pessoa.

Existem dois tipos de bullying o direto e o indireto. O direto é mais fácil de perceber, são ataques abertos as vítimas, como socos, empurrões, chutes etc. ou verbais, colocar apelidos ameaças, insultos, espalhar boatos e fofocas. O indireto é mais sutil, por isso mais difícil de perceber, como caretas ou gestos obscenos para suas vítimas que isolam e excluem colegas das atividades em grupo. (CUBAS, 2006)

Segundo Olweus (apud CUBAS 2006, p. 179), foi possível traçar o perfil de vítimas e agressores dos casos de bullying nas escolas. No caso de vítimas há dois tipos, as passivas ou submissas que são pessoas mais ansiosas e inseguras do que a média dos alunos, as mais circunspetas, sensíveis e quietas, a principal característica dessas vítimas é que não são agressivas e não provocam os outros alunos, reprovando atitudes violentas. Outro tipo de vítima são as provocativas, são

pessoas que apresentam ao mesmo tempo, ansiedade e reações agressivas, podendo praticar bullying contra crianças mais fracas que elas.

Segundo o autor citado acima uma das principais características do agressor é a agressividade não apenas aos colegas, mas também com adultos, professores e pais.

O autor Olweus (apud CUBAS, 2006) identificou outro tipo de agressor, o secundário, sua principal característica é não tomar iniciativa nas agressões, ele é também definido como agressor passivo. Seria um cúmplice, aquele que a princípio não está envolvido nas agressões, mas que assim que tem início toma parte, imitando o comportamento agressivo ou simplesmente cumprindo ordens.

As maiorias das agressões acontece no ambiente da escola, sendo que alguns casos ocorrem durante os trajetos de ida e volta entre casa e escola e os casos de bullying podem ocorrer nas salas de aula, nos corredores, nas quadras, nos banheiros ou no pátio. (CUBAS, 2006)

### 3 PROGRAMA SEGUNDO TEMPO

O Segundo Tempo é um “Programa Estratégico do Governo Federal que tem por objetivo democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte promovendo o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens.”(BRASIL, 2011)

Programas como o Segundo Tempo mostram iniciativas governamentais que priorizam o esporte como potencializador de elementos educativos que podem oferecer uma crítica sobre diferentes contextos de riscos sociais, diminuindo o tempo de exposição de crianças e jovens aos efeitos nocivos da violência, dos desajustes familiares, do tráfico de drogas, das carências alimentares, da falta de afeto, entre outros elementos de dignidade humana. (OLIVEIRA; PERIM, 2009).

O programa vem pautando suas ações na concepção de uma sociedade igualitária, na qual todas as pessoas devem ter o direito de acesso aos elementos fundamentais para o desenvolvimento humano, utilizando o esporte como um desses elementos para crianças e adolescentes que vivem em situação de risco social. (OLIVEIRA; PERIM, 2009).

O programa possui núcleos de prática esportiva que atende crianças e adolescentes entre 06 e 17 anos. Inserido na concepção de esporte educacional, ele é um instrumento de inclusão social, atendendo principalmente em áreas de vulnerabilidade social e regularmente matriculadas em rede pública de ensino, proporcionando uma qualidade de vida. (BRASIL, 2011)

Cada núcleo atende 120 alunos, divididos em turmas matutinas e vespertinas, participando de 4 horas de atividades, 3 vezes por semana, incluindo lanche entre intervalos das atividades. (BRASIL, 2011).

#### 3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA O PST

Os professores norteados pelos procedimentos metodológicos do PST devem discutir os objetivos (para que ensinar) e conteúdos (o que ensinar) para que consigam formar cidadãos críticos e emancipados. Mas que para isso aconteça, só é possível refletir se estiverem muito claras quais as metas, aonde se pretende chegar com o aluno e com o programa esportivo. (OLIVEIRA; PERIM, 2009)

Encontra-se no caderno do Programa o objetivo geral e específico a serem desenvolvidos pelos envolvidos na prática:

“O objetivo geral é democratizar o acesso ao esporte educacional de qualidade, como forma de inclusão social, ocupando o tempo ocioso de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social.”(BRASIL, 2011).

Os objetivos Específicos são:

- Oferecer práticas esportivas educacionais, estimulando crianças, adolescentes e jovens, prioritariamente matriculadas na rede pública de ensino, a manter uma interação efetiva que contribua para o seu desenvolvimento integral;
- Oferecer condições adequadas para a prática esportiva educacional de qualidade;
- Desenvolver valores sociais;
- Contribuir para a melhoria das capacidades físicas e habilidades motoras;
- Contribuir para a melhoria da qualidade de vida (auto-estima, convívio, integração social e saúde); e
- Contribuir para a diminuição da exposição aos riscos sociais (drogas, prostituição, gravidez precoce, criminalidade, trabalho infantil e a conscientização da prática esportiva, assegurando o exercício da cidadania).

Os conteúdos no PST são tratados por três dimensões, a conceitual, procedimental e atitudinal. Apresentaremos a seguir exemplos de conteúdos que podem ser tratados nas três dimensões em programas esportivos.

### **Dimensão conceitual**

- Conhecer as transformações pelas quais passou a sociedade em relação aos hábitos de vida e relacioná-las com as necessidades atuais de atividade física.
- Conhecer as mudanças pelas quais passaram os esportes.
- Conhecer os modos corretos da execução de vários exercícios e práticas corporais cotidianas.

### **Dimensão procedimental**

- Vivenciar e adquirir alguns fundamentos básicos dos esportes, danças, ginásticas, lutas, capoeira.
- Vivenciar diferentes ritmos e movimentos relacionados às danças.

- Vivenciar situações de brincadeiras e jogos.

### **Dimensão atitudinal**

- Valorizar o patrimônio de jogos e brincadeiras do seu contexto.
- Respeitar os adversários, os colegas e resolver os problemas com atitudes de diálogo e não de violência.
- Predispor-se a participar de atividades em grupos, cooperando e interagindo.
- Reconhecer e valorizar atitudes não preconceituosas quanto aos níveis de habilidades, sexo, religião e outras.

“É importante frisar que na prática docente não há como dividir os conteúdos na dimensão conceitual, procedimental e atitudinal, embora possa haver ênfase em determinadas dimensões.” (OLIVEIRA; PERIM, 2009, p. 212).

### **3.2 DIRETRIZES E PRINCÍPIOS DIDÁTICO PEDAGÓGICOS**

Ancorados nos manuais de diretrizes (BRASIL, 2011), as ações do PST devem ser desenvolvidas de forma a possibilitar a essas crianças e adolescentes:

- A democratização da atividade esportiva educacional, incentivando o acesso de crianças e adolescentes às práticas do programa, sem qualquer distinção ou discriminação;
- O fomento à melhoria da qualidade pedagógica do ensino de atividades esportivas educacionais, principalmente pela oferta contínua de capacitação, de materiais didáticos e esportivos adequados e, ainda, de acompanhamento e avaliações permanentes;
- Segurança, incentivando que a prática das modalidades esportivas, no âmbito do programa, aconteça com monitoramento e resguarde a integridade das crianças, jovens e adolescentes atendidos;
- Liberdade de escolha, permitindo que as crianças, jovens e adolescentes possam decidir pela prática do esporte educacional, optando, no mínimo, pela participação em três modalidades esportivas, de acordo com seu

interesse. E a partir dos 15 anos completos, os adolescentes e jovens poderão optar pela prática de apenas uma modalidade;

- Autonomia organizacional, permitindo que as organizações governamentais e não governamentais interessadas se articulem com estabelecimentos públicos de educação localizados em suas regiões de atuação, objetivando a autonomia organizacional para se integrarem ao PST;
- Descentralização operacional, permitindo que o planejamento, a implantação e a execução do programa sejam efetivados pelas instituições locais que mantêm contato direto com o público-alvo e conhecem melhor a realidade de cada comunidade.

Assim como todos os projetos sociais eles procuram alcançar algumas metas no desenvolvimento das atividades, “os resultados esperados são impactos diretos e indiretos na melhoria da sociedade” (BRASIL, 2011) que se encontra nos manuais de diretrizes do PST:

### **Impactos Diretos**

- Melhoria no convívio e na integração social dos participantes;
- Melhoria da auto-estima dos participantes;
- Melhoria das capacidades e habilidades motoras dos participantes;
- Melhoria das condições de saúde dos participantes;
- Aumento do número de praticantes de atividades esportivas educacionais;
- Melhoria da qualificação dos profissionais envolvidos.

### **Impactos Indiretos**

- Diminuição da exposição dos participantes a riscos sociais;
- Melhoria no rendimento escolar dos alunos envolvidos;
- Diminuição da evasão escolar nas escolas atendidas;
- Geração de novos empregos no setor de educação física e esporte nos locais de abrangência do programa;
- Melhoria da infra-estrutura esportiva no sistema de ensino público do País e nas comunidades em geral;

### 3.3 ESPAÇOS FÍSICOS, MATERIAIS E UNIFORMES

O município interessado deve disponibilizar um espaço esportivo adequado para o desenvolvimento das atividades a serem ofertadas e à quantidade de beneficiados atendidos. Também devem ser atendidas algumas condições mínimas de atendimento aos participantes, como banheiros, bebedouros, espaço para a realização das atividades e um local para a distribuição de lanche. O instituto contata vem até o município fiscalizar todo o espaço utilizado, verificando se está de acordo com todas as exigências mínimas feitas pelo PST. (BRASIL, 2011).

“Poderão ser utilizados os espaços físicos escolares ou comunitários, públicos ou privados, preferencialmente localizados próximos à comunidade beneficiada, que não demandem transporte para o deslocamento dos beneficiados”. (BRASIL, 2011)

Cada núcleo recebe do Ministério do Esporte um kit específico de material esportivo e suplementar, que atende ao desenvolvimento das atividades por até 3 ciclos pedagógicos compostos de:

- Bola de basquete adulto Un. 6
- Bola de basquete infantil Un. 6
- Bola de futebol de campo adulto Un. 10
- Bola de futebol de campo infantil Un. 10
- Bola de futebol de salão adulto Un. 6
- Bola de futebol de salão infantil Un. 6
- Bola de handebol adulto Un. 6
- Bola de handebol infantil Un. 6
- Bola de vôlei – oficial Un. 6
- Bola de vôlei – oficial infantil Un. 6
- Bola de borracha Un. 10
- Rede de basquete Par 1
- Rede de futebol de campo Par 1
- Rede de futebol de salão/handebol Par 1
- Rede de vôlei Un. 1
- Cone médio Un. 10

- Cone grande Un. 10
- Bomba de encher bola Un. 2
- Bico para bomba de encher bola Un. 8
- Apito para arbitragem de plástico com cordão Un. 4
- Bambolê Un. 15
- Saco para transportar material esportivo Un. 2
- Corda de pular coletiva c/ manoplas Un. 2
- Corda de pular individual c/ manoplas Un. 15
- Jogos de dominó Un. 15
- Jogo de taco completo de madeira c/bolinha de borracha Un. 1
- Jogos de frescobol Un. 1
- Peteca Un. 10
- Kit mini-traves de futebol Un. 1
- Colete de identificação c/ 12 unidades JG 4
- Cadeado 20mm Un. 2
- Caixa plástica com tampa para acondicionar o material Un. 2

O Ministério do Esporte fornece um kit de uniforme para cada núcleo do PST que também atende ao desenvolvimento das atividades por até 3 ciclos pedagógicos, composto de:

- Camiseta (3 por beneficiado) Un. 300
- Bermuda (1 por beneficiado) Un. 100
- Camiseta (coordenador) Un. 3
- Camiseta (monitor esportivo) Un. 3

“O uso regular do uniforme está ligado a alguns aspectos importantes para o desempenho do programa, como: disciplina e homogeneidade do grupo, ensinamentos básicos de organização e higiene [...]” (BRASIL, 2011).

## 4 O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

Este capítulo aborda o papel do professor diante do contexto da violência escolar, precisamos entender o objetivo da educação na vida do educando. Os professores passam a exercer uma função muito importante na formação do aluno, construindo estratégias de prevenção e intervenção na realidade através de suas ações pedagógicas transformando o cenário de violência.

Percebe-se a grande importância da Educação Física nesse contexto por abordar em seus conteúdos, temas que remetem a cultura corporal de movimento. A Educação Física através do esporte tem como papel discutir e abordar a violência escolar. Acredita-se que os jogos e suas regras apontam para grandes possibilidades no entendimento de sociedade e visão de mundo, contribuindo para a compreensão de regras, direitos, deveres, limites, respeito e companheirismo.

É importante fazer uma relação clara para o aluno em suas aulas com as experiências que vai encontrar ao longo da vida. Nessa perspectiva, acredita-se que essa seria a forma mais eficiente de dialogar com os alunos, trazendo a temática num contexto vivenciado, diariamente, em suas relações possibilitando, assim, uma proximidade ao conhecimento.

O esporte é para esses autores, uma prática social de origem histórico-cultural definida e que precisa ser questionada como conteúdo pedagógico, especialmente em relação as suas normas, “suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria”. Para tanto é necessário no contexto escolar “desmitificá-lo”, através de conhecimento que permitam os alunos, “criticá-los dentro de um determinado contexto sócio econômico-político-cultural”. (KUNZ, 2006, p 20)

A partir deste esclarecimento nos questionamos sobre a função do professor perante o contexto de violência escolar. Apesar do sentimento de impotência que afeta boa parte dos educadores, há quase uma unanimidade entre os pesquisadores da área de educação em enfatizar o papel central desses profissionais nas ações de intervenção e prevenção a violência [...] (CUBAS, 2006, p. 46).

Royer (apud CUBAS, 2006) diz que há oito elementos que devem fazer parte da formação de professores para que se sintam capacitados a lidar com os

conflitos e pensar estratégias de ação para a prevenção da violência na escola.

Entre esses elementos estão:

- a) a necessidade de mostrar aos professores que a violência não é algo “natural”, mas que é uma questão que precisa ser pensada a partir do contexto em que está inserida;
- b) que a escola pode realmente contribuir para evitar a violência. Considerando que a escola prepara os alunos para a vida social, ela pode ser a segunda oportunidade, ou até mesmo a última, de desenvolvimento das capacidades necessárias para desenvolverem habilidades e terem uma vida profissional e pessoal de sucesso;
- c) os professores devem estar atentos à necessidade de agirem de forma ativa e não reativa aos problemas que ocorrem na escola, o que deve ser pensado em um contexto de prevenção e de intervenção precoce da violência;
- d) respeitar o contexto em que a escola está inserida, pensando um modelo de intervenção que atenda à situação particular de uma escola ou de um aluno, considerando que o problema da violência é complexo e não, necessariamente, homogêneo;
- e) a necessidade de constante atualização das informações passadas aos professores a respeito da violência escolar;
- f) a política de formação dos professores deve ser guiada a partir dos resultados de pesquisas confiáveis sobre o tema da violência;
- g) os pais de alunos devem estar envolvidos nos projetos realizados pela escola, pois as intervenções realizadas em sala de aula não são suficientes para apresentarem resultados positivos, devem também levar em conta o ambiente em que vivem os alunos;
- h) pelo mesmo motivo apontado anteriormente, deve ser estabelecida uma parceria com a comunidade da qual a escola faz parte e dos serviços oferecidos por ela.

O aluno como sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para a participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica. (KUNZ, 2006)

Segundo Bracht (1997), a educação física é parte integrante da educação tem uma função social positiva e muito importante. Colaborando dentro do campo educacional para a funcionalidade, progresso e desenvolvimento de nossa sociedade. Esta concepção desfruta de autonomia frente ao todo social sendo capaz de resolver os problemas de nossa sociedade, sem a necessidade da transformação estrutural desta.

Mais especificamente, a socialização para o desempenho de determinado papel social envolve a aquisição de capacidades (habilidades) físicas e sociais, valores, conhecimentos, atitudes, normas e disposições que podem ser aprendidas em uma ou mais instituições sociais, como por exemplo, a família, a escola, o esporte, e ainda através dos meios de comunicação. (BRACH, 2005, p. 75)

No ensino do esporte nas aulas de educação física não se deve desenvolver apenas habilidades e técnicas esportivas, na concepção crítica emancipatória, deverão ser incluídas também conteúdos que permitem aos alunos melhor organizar a sua realidade de esporte, movimentos e jogos de acordo com suas necessidades e possibilidades. Isso significa que além de ensinar habilidades e técnicas do esporte que não deixam de ser importante, devem ser considerados dois aspectos que são muito mais importantes. A interação social que desenvolve e valoriza o trabalho coletivo de forma responsável, cooperativa e participativa e o outro aspecto considerado é a própria linguagem que em categoria de ensino ganha importância maior, pois não só a linguagem verbal ganha expressão, mas todo o ser corporal do sujeito se torna linguagem enquanto diálogo com o mundo. (KUNZ 2006).

Dietrich (apud BRACHT, 2005, p.75) diz que “a inclusão é início de programas de esportes na escola, freqüentemente, baseados na crença comum de que a participação no esporte é um elemento de socialização que contribui para o desenvolvimento mental social”.

Como afirma Loy (apud BRACHT, 2005) na infância são justamente a família e a escola as instituições sociais de maior influência no processo de socialização.

Na escola não se aprende apenas conhecimentos, mas também uma série de valores e de normas de comportamento. Muitos desses valores são impostos por certas práticas pedagógicas, como o aprendizado do sentimento de inferioridade, de submissão, o respeito pela ordem

estabelecida, o aprendizado do “cada um por si”, da competição, inculcando desta forma o individualismo, sem que as pessoas se percebam disse. HARPER (1980 apud BRACH 2005, p. 77)

Essa proposta crítico pedagógica possibilita ao aluno descobrir através da experiência por meio da participação da aula, a pensar, refletir e problematizar situações que ocorrem no cotidiano. O professor deve assumir um papel social, não se preocupando somente com a formação física e o esporte sim ensinando valores que agreguem a ser uma pessoa melhor.

#### 4.1 NÃO HÁ DOCÊNCIA SEM DISCÊNCIA

Neste subcapítulo apresentaremos algumas reflexões do que seria para Freire (1996) a prática pedagógica do professor em relação ao desenvolvimento da autonomia dos seus educandos.

Sabemos que não há docência sem discência, um depende do outro, sem aluno não há professor e sem professor não há aluno, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 1996 p. 25)

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. O ensino não depende exclusivamente do professor, assim como a aprendizagem não é algo apenas de aluno, as duas atividades se complementam. (FREIRE, 1996)

O papel do educador é muito importante e faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. “Pensar certo é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nos mesmos.”(FREIRE, 1996, p. 54)

Segundo Freire (1996) existem diferentes tipos de educadores: críticos, progressistas e conservadores, mas, apesar destas diferenças, todos necessitam de saberes comuns. Cito agora 12 saberes comuns que é muito importante na construção da autonomia do aluno, formando um aluno crítico ajudando na transformação da realidade no combate a violência:

- **Ensinar exige rigorosidade metódica.**

O educador comprometido com sua proposta de educação deve afirmar a rigorosidade do método com o qual trabalha, tendo clareza em seus objetivos e com um discurso que não pode ser diferente da prática. Uma das principais obrigações é o ensinar a pensar certo o que não quer dizer que o ensinado vai ser o que o professor tem como certo, como sua verdade, mas sim, dialogar sobre essas possíveis verdades. Só quem pensa certo, mesmo que às vezes pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. Uma das condições para isto é não estarmos demasiados certos de nossas certezas. (FREIRE, 1996)

➤ **Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos.**

Saberes estes construídos na prática comunitária. É preciso estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos. Respeitar e utilizar esses saberes levando em consideração as experiências vividas por eles. A escola tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos, aprendidos estes operam por si mesmos. (FREIRE, 1996)

➤ **Ensinar exige a segurança, competência profissional e generosidade.**

O professor que não leva a sério a sua formação, que não estuda, que não se esforça para estar à altura de sua tarefa não tem moral para coordenar as atividades de sua classe. (FREIRE, 1996)

➤ **Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.**

O professor deve pensar certo e fazer o certo, dando exemplo em suas atitudes, “mostrando que o pensar certo é quem busca seriamente a segurança na argumentação...”, é saber discordar do seu oponente sem ser contra ele ou ela, sem qualquer tipo de discriminação. (FREIRE, 1996, p. 39)

➤ **Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática.**

A prática docente crítica envolve o movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O “pensar certo” tem que ser produzido pelo próprio aluno em comunhão com o professor formador. É fundamental na formação

permanente dos professores, a reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (FREIRE, 1996)

➤ **Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando**

Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um, é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. (FREIRE, 1996, p.66)

O professor autoritário afoga a liberdade do educando e seu direito de estar sendo curioso e inquieto, mas o professor licenciado também rompe com a radicalidade do ser humano a de sua inconclusão assumida em que enraíza a eticidade. “Saber que devo respeito à autonomia e a identidade do educando, exige de mim uma prática que seja em tudo coerente com este saber.” (FREIRE, 1996, p. 67)

➤ **Ensinar exige bom senso**

Devemos respeitar a autonomia, a dignidade e a identidade do educando, e na prática, procurar a coerência com este saber. “Quanto mais praticamos de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos podemos nos tornar e com isso o nosso bom senso pode ir se tornando mais crítico.”(FREIRE, 1996, p. 69)

O educador precisa do bom senso em seu trabalho, pois com suas qualidades e seus defeitos sempre deixam suas marcas nos alunos, daí a importância do exemplo do professor no exercício de seus deveres. (FREIRE, 1996)

➤ **Ensinar exige alegria e esperança**

Para Freire (1996, p. 80) “Há uma estreita relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança faz parte da natureza humana.” A esperança de que professores e alunos podem aprender, ensinar, produzir, e que juntos podem resistir aos obstáculos encontrados no dia a dia, pois a esperança é capaz de mudar realidades.

➤ **Ensinar exige convicção de que a mudança é possível**

Não visa à adaptação e sim a mudança da realidade, é difícil mudar mas é possível. Devemos conhecer nossos alunos, não podemos desconsiderar os saberes dos grupos populares e a realidade histórico-político- social vivida por eles, pois todos estão inseridos num ciclo de aprendizagem. (FREIRE, 1996)

➤ **Ensinar exige saber escutar**

Não é falando aos outros de cima para baixo, sobretudo como se fôssemos os donos da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Escutar é muito mais do que a possibilidades auditiva de cada um, escutar significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura a fala do outro, no gesto do outro, as diferenças do outro. (FREIRE, 1996)

Nas aulas de Educação Física o professor deve então ser antes de tudo ser um facilitador, intervindo, orientando e ainda criando situações na qual o aluno possa se integrar e perceber por si os limites de sua ação. O desenvolvimento social deve progredir para que o ser humano possa construir valores morais para se relacionar com os outros agindo adequadamente nas diferentes condições sociais. ( KUNZ, 2006)

## 5 AS PROPOSIÇÕES CRÍTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Apresentamos as duas principais concepções teóricas metodológicas da posição progressista em Educação Física, procurando demonstrar seus princípios centrais, seus pressupostos filosóficos e pedagógicos. Temos como propósito permitir uma articulação entre estas concepções e os princípios norteadores do PST.

### 5.1 CRÍTICO SUPERADORA

Segundo o Coletivo de Autores (1992), as classes sociais são diferentes e antagônicas, por buscarem objetivos diferenciados, há momentos em que se confrontam, é devido a esse conflito que se acaba a entrar em uma crise, surgindo as pedagogias.

A pedagogia é a teoria e método que constrói os discursos, as explicações sobre a prática social e sobre a ação dos homens na sociedade onde se da a sua educação. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Essa pedagogia trás características específicas da reflexão pedagógicas que são: diagnóstica, que remete a constatação e leitura dos dados da realidade. Judicativa, que pode julgar a partir de uma ética que representa os interesses de determinada classe social e, por último, teleológica, que aponta o alvo, busca uma direção, que pode ser conservadora ou transformadora dos dados diagnosticados e julgados. (COLETIVO DE AUTORES 1992, p. 25)

Na pedagogia Crítico Superadora o currículo é um percurso que tem como função alinhar a reflexão pedagógica de forma que o aluno esclareça sua realidade social, desenvolvendo determinada lógica, apropriando-se do conhecimento científico, confrontando-o com o saber que o aluno já trás de seu cotidiano e de outras referências do pensamento humano, como as idéias e as relações sociais. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.27)

O conteúdo apresenta princípios metodológicos da lógica dialética, que devem ser organizados, sistematizados e fundamentados e assim serem selecionados como constituinte curricular. São princípios: a relevância social do conteúdo, a contemporaneidade, a adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno, a simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade e a provisoriedade do conhecimento. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 31,33)

Essa metodologia trabalha com o conceito de cultura corporal, que se opõe, portanto ao conceito de aptidão física enquanto objetivo final da disciplina. Propõe o trato com o conhecimento em forma de ciclos de escolarização:

O 1º Ciclo de escolarização corresponde ao período da pré-escola até a 3ª série, sendo denominado ciclo de organização da identidade dos dados da realidade, onde os alunos formariam sistemas, encontrando relações entre as coisas, identificando suas semelhanças e diferenças. O aluno daria um salto qualitativo quando começasse a qualificar e associar objetos.

O 2º Ciclo compreenderia o período da 4ª a 6ª série e é chamado de ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento. O aluno teria desenvolvido a capacidade de abstração, estabelecendo relações complexas entre as coisas. O salto qualitativo acontece nesse momento quando o aluno consegue estabelecer relações.

O 3º Ciclo de escolarização iria da 7ª série à 8ª série sendo compreendido como ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento. O aluno aqui desenvolveria a consciência da atividade teórica, consubstanciando um salto qualitativo quando se tornaria capaz de reorganizar a identificação dos dados da realidade através do pensamento teórico.

O último Ciclo seria do 1º ao 3º anos do Ensino Médio, e é chamado de ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento. O aluno desenvolveria aqui a capacidade de refletir sobre os objetos, dando um salto qualitativo quando conseguisse estabelecer relações entre eles. (COLETIVOS DE AUTORES, 1992)

Portanto, partindo para os conteúdos que trata a Educação Física, são eles: jogo, esporte, ginástica, dança e capoeira.

Segundo o Coletivos de Autores (1992), a avaliação do processo ensino aprendizagem é muito mais do que simplesmente aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos. E como proposta de avaliação a tendência Crítico Superadora apresenta 10 aspectos avaliativos do processo ensino aprendizagem, que são:

- Projeto histórico: que através das aulas deve-se levar em conta a sociedade inserida e a que queremos construir;
- As condutas humanas: levar em conta as condutas sociais dos alunos, nas mais diversas manifestações, tendo a expressão corporal como linguagem, onde se expressão no desenvolvimento das atividades;

- As práticas avaliativas: mobilizar a consciência dos alunos, seus saberes e capacidades cognitivas, habilidades e atitudes para enfrentar problemas e necessidades;
- As decisões em conjunto: participação do aluno, onde deve ter personalidade, expressar seus objetivos de ação e participar da avaliação coletiva;
- O tempo pedagogicamente necessário para a aprendizagem: deve-se dar o tempo necessário para que a aprendizagem se efetive, dar aulas para tratar de um assunto, adequado ao ritmo de aprendizagem da turma;
- A compreensão crítica da realidade: levar em conta a cultura corporal expressa que se diferencia de acordo com a condição de classes dos alunos;
- O privilégio da ludicidade da criatividade: deixar de considerar o desenvolvimento de talentos esportivos e sim privilegiar os princípios da ludicidade e criatividade;
- As intencionalidades e intenções: considerar os interesses e necessidades objetivos e subjetivos dos alunos e as intenções objetivas e subjetivas da sociedade;
- A nota enquanto síntese qualitativa: fazer da nota um resultado que permita a aproximação ou distanciamento do eixo curricular;
- Reinterpretação e redefinição de valores e normas: os alunos devem participar criticamente da reinterpretação de valores e procedimentos que sustentam a avaliação. (COLETIVOS DE AUTORES, 1992, p. 103 - 106).

Segundo o Coletivos de Autores (1992) a avaliação do processo ensino aprendizagem da educação física tem suas implicações:

➤ **No fazer coletivo**

Na pedagogia crítica a equipe pedagógica deve estar envolvida nas práticas avaliativas da educação física, buscando a coerência das ações com o projeto pedagógico da escola.

➤ **Nos conteúdos e metodologia**

Constantemente devem ser analisados os critérios de seleção, organização, transmissão e avaliação de conteúdos e metodologias do ensino,

buscando referenciá-los nos interesses individuais e coletivos, no projeto pedagógico e no projeto histórico.

➤ **Nas normas e critérios**

Devemos levar em conta, na avaliação, o sentido, finalidade, forma e conteúdo que a mesma assume no processo ensino aprendizagem.

➤ **Nos níveis de desenvolvimento dos alunos**

A avaliação deve analisar as condições gerais dos alunos de forma a permitir uma ordenação de dados reais e concretos, para tomar decisões didáticas metodológicas em relação aos ciclos de aprendizagem.

➤ **No redimensionamento do processo de ensino**

Verificar dados e informações amplas para realmente avaliar.

➤ **Na emissão do conceito**

O conceito é uma categoria que ordena, compreende e expressa uma realidade empírica que tem múltiplas determinações e não somente como tradução de uma nota.

➤ **Nas fontes de dados quantitativos e qualitativos**

No processo ensino-aprendizagem além de ordenar os dados quantitativos, considera-se na avaliação dados qualitativos.

➤ **Na utilização de instrumentos**

Durante todas as aulas o professor, quanto à ampliação e aprofundamento da sistematização do conhecimento, utiliza instrumentos, técnicas e procedimentos que além de estimular e motivar os alunos, permitem coletar informações sobre seus desempenhos.

➤ **Na interpretação do insucesso e do erro**

No processo de aprendizagem o erro faz parte da construção do domínio de novos conhecimentos, habilidades e atitudes.

### ➤ **Nos eventos avaliativos**

Se deve atentar para a variedade de eventos avaliativos informais que acontecem em uma aula, determinada em períodos, instrumentos, formas, conteúdos, conhecimentos, habilidades e atitudes a serem avaliados.

Deve-se levar em conta determinados critérios para selecionar conteúdos, procedimentos, métodos, técnicas, matérias etc. Preocupando-se na elaboração da aula, pois dessas decisões que dependerá em grande parte a aprendizagem dos alunos. (COLETIVOS DE AUTORES, 1992)

O processo de avaliação não se reduz a medir comparar, classificar e selecionar alunos e muito menos se reduz a análise de condutas esportivo-motoras, a gestos técnicos ou táticos. (COLETIVOS DE AUTORES, 1992)

Compreendemos que avaliação é um processo pelo qual o professor identifica o aprendizado do aluno, podendo assim identificar as dificuldades, os sucessos e os fracassos dos mesmos.

## 5.2 CRÍTICO EMANCIPATÓRIA

Esta nova proposta metodológica de Educação Física veio para atender as necessidades básicas das crianças sem envolvê-las precocemente no processo de treinamento de uma modalidade esportiva. Para ensinar o esporte devemos levar em conta as experiências anteriores dos alunos nas modalidades que se pretende ensinar, as influências e as expectativas do esporte normatizado e clubístico, as condições locais e materiais da escola, e a própria organização do ensino e da escola. (KUNZ, 2006)

Segundo Kunz (2006, p. 19) “propõe os autores que o conteúdo da educação física é o conhecimento de uma área que denominam de “Cultura Corporal” onde se incluem, entre outras práticas, o jogo, o esporte, a ginástica e a dança”.

No processo de ensino o aluno deve ser capacitado para a vida social, cultural e esportiva, sendo capaz de conhecer, reconhecer e problematizar significados da vida de forma crítica. (KUNZ, 2006)

Habermas (1981 apud KUNZ 2006) define a racionalidade como uma disposição que os sujeitos usam como capacidade de agir e falar, se manifestando em diferentes formas de comportamento.

A maioria ou emancipação devem ser colocadas como tarefa fundamental na educação, implicando num esclarecimento racional e estabelecendo um processo comunicativo. Segundo Kant (1783 apud Kunz 2006 p.32)

Esclarecimento é a Saída, a libertação do homem de seu estado de menoridade intelectual voluntária. Menoridade intelectual é essa falta de poder ou de capacidade do homem para agir racionalmente sem a ajuda ou orientação de alguém. E ela é voluntária (auto-imposta) quando os motivos desta menoridade não estão na ausência da razão, mas na falta de determinação e coragem em utilizar a razão, sem a intervenção norteadora de outra pessoa.

Segundo Kunz (2006) o processo de libertação dos jovens das condições que o limitam ao uso da razão crítica o agir social, cultural e esportivo desenvolvido pela educação é dado como emancipação. O uso da razão crítica é a capacidade de avaliação e análise nas condições de racionalidade.

Para Habermas (apud Kunz 2006), emancipação e esclarecimento é tarefa de uma teoria de sociedade, para Geuss (apud Kunz 2006), emancipação e esclarecimento se refere a uma transição social de um estado inicial para um estado final, com seguintes propriedades:

- a) O estado inicial apresenta tanta falsa consciência e erro, quanto existência sem liberdade.
- b) No estado inicial, falsa consciência e existência sem liberdade estão intimamente ligadas, de modo que os agentes só podem ser libertos de uma situação se eles também forem ao mesmo tempo libertos da outra.
- c) A existência sem liberdade de que padecem os agentes no estado inicial é uma forma de coerção auto-imposta; a falsa consciência deles é tipo de auto-ilusão.
- d) A coerção de que padecem os agentes no estado inicial é uma coerção cujo “poder” ou “objetividade” deriva-se apenas do fato de que os agentes não percebem que é auto-imposta. Estado final é aquele em que os
- e) Agentes estão livres de falsa consciência – eles foram esclarecidos – e livres da coerção auto-imposta – eles foram emancipados. (1998, p. 96-7).

O esporte praticado nos princípios do alto rendimento requer muitas exigências em que cada vez menos pessoas conseguem dar conta, mesmo assim um modelo que todos querem seguir. A condição física e técnica é cada vez menos adequada para a prática, e se torna uma coerção auto-imposta e pelas limitações

das alternativas e criativas propicia uma existência sem liberdade no mundo esportivo. (KUNZ, 2006)

Já é hora de iniciar novas formas para o ensino de esportes nas escolas, tarefa esta que lançará algumas perspectivas. Habermas (apud, Kunz 2006. p.35)

Prevê que a emancipação só será possível quando os agentes sociais reconhecerem a origem e os determinantes da dominação e da alienação. Os agentes sociais são levados a auto-reflexão. Pela reflexão eles podem perceber que sua forma de consciência é ideologicamente falsa e que a coerção que sofrem é auto-imposta.

O processo de aprendizagem por auto-reflexão corresponde ao interesse emancipatório do conhecimento pela remoção da repressão e pela dissolução da falsa consciência. Geuss (apud Kunz 2006), resume em três expressões os conceitos de auto-reflexão:

1- A auto-reflexão dissolve:

a) a objetividade auto-gerada e

b) a ilusão objetiva.

2- A auto-reflexão torna o sujeito cômico de sua própria gênese ou origem.

3- A auto-reflexão opera ao trazer a consciência os determinantes inconscientes da ação ou consciência.

Para o esporte, a libertação de uma coerção auto-imposta implica uma pedagogia crítico-emancipatória, uma nova forma de coerção, imposta pelos professores. “Para que os alunos possam se libertar desse “comodismo da minoridade voluntária”, o professor exigirá que os alunos lutem contra a falsa consciência e as ilusões objetivas do esporte.” (KUNZ, 2006)

Para compreender os múltiplos sentidos do esporte, além da capacidade objetiva de praticar o esporte também é necessária a capacidade de interação social e comunicativa. Numa concepção crítico-emancipatória, nas aulas de educação física deverão ser incluídos conteúdos de caráter teórico prático que além de ensinar aos alunos de maneira transparente, permite que os mesmos organizem a sua realidade de esporte, movimentos e jogos de acordo com suas necessidades e possibilidades. No ensino além de um trabalho produtivo de treinar habilidades e técnicas que também são importantes, devem ser considerados dois outros aspectos; a interação social e a própria linguagem. A linguagem ganha uma maior importância, não somente a linguagem verbal, mas todo o corporal, na forma de

linguagem corporal, do movimentar-se. A linguagem é produto fundamental para a interação alunos-alunos, alunos-professor, professor- aluno. Linguagem esta que no esporte se manifesta em várias formas como: falada, gestos, por imitação e etc. (KUNZ, 2006)

Hilbert Mayer (1987 apud KUNZ, 2006. p 38 ) apresenta as categorias trabalho, interação e linguagem, para relacioná-las na constituição de um processo de ensino, com os conteúdos, o método e os objetivos do ensino:

**Trabalho:** competência objetiva

**a) Aspectos dos conteúdos:** ter acesso a conhecimentos e informações de relevância e sentido para a aquisição de habilidades ao esporte de acordo com o contexto.

**b) Aspecto do método:** possibilitar acesso a estratégias de aprendizagem, técnicas, habilidades específicas e de capacidades físicas.

**c) Aspectos dos objetivos:** capacitar para o mundo dos esportes, movimentos e jogos de forma efetiva e autônoma com vistas a vida futura relacionadas ao lazer e ao tempo livre.

**Interação:** competência social

**a) Aspectos dos conteúdos:** ter acesso a relação esportivo-culturais, vinculadas à cultura do movimento do contexto social.

**b) Aspecto do método:** capacitação para assumir conscientemente papéis sociais e a possibilidade de reconhecer a inerente necessidade de se movimentar.

**c) Aspectos dos objetivos:** capacitar para um agir solidário, cooperativo e participativo.

**Linguagem:** competência comunicativa

**a) Aspectos dos conteúdos:** ter acesso a conteúdos simbólicos e lingüísticos que transcendem o contexto esportivo.

**b) Aspecto do método:** aperfeiçoamento das relações de entendimento de forma racional e organizada

**c) Aspectos dos objetivos:** desenvolver capacidades criativas, implorativas, além das capacidades de discernir e julgar de forma crítica.

Segundo Habermas, trabalho, interação, e linguagem formam estruturas universais e assim tornam-se possível serem ajustadas a análise e a crítica tanto do processo educacional, como do ensino dos esportes no sistema escolar. (KUNZ, 2006)

A metodologia de ensino para a Educação Física proposta pelo idealizador da concepção crítico-emancipatória, tem por objetivo a formação de sujeitos críticos e autônomos para transformação da realidade em que estão inseridos, por meio de uma educação de caráter crítico, reflexivo e fundamentada no desenvolvimento de três competências:

- 1) A competência objetiva, segundo Kunz (2006) o aluno precisa receber conhecimentos e informações, precisa treinar destrezas e técnicas racionais e eficientes, para o agir prático de forma competente.
- 2) A competência social, referente aos conhecimentos e esclarecimentos que o aluno adquirir para entender as relações socioculturais do contexto em que vive, dos problemas e contradições destas relações. No esporte, a competência social tem um sentido de desvelar diferenças e discriminações que se efetivam através das aulas, que são reforçadas através da formação de turmas de meninos e meninas. A competência social deverá contribuir para um agir solidário e cooperativo, levar os alunos a compreensão dos diferentes papéis sociais existentes no esporte, e é através da competência comunicativa, que acontece a reflexão e a comunicação em aula.
- 3) A competência comunicativa, para Kunz (2006), não esta só na linguagem verbal, mais também pela linguagem do movimento. Saber se comunicar e entender a comunicação dos outros é um processo reflexivo e desencadeia iniciativas do pensamento crítico, é aqui que a educação física, deve dar mais ênfase, mais atenção, pois se fala muito pouco nas aulas de educação física. “É a linguagem que permite interpretar nossas experiências bem como as experiências dos participantes num processo de ensino do esporte. É no próprio exercício da palavra que se aprende a compreender”. (KUNZ 2006, p 41).

Relata Kunz (2006), que o uso da linguagem no processo de ensino deve se dirigir para que o aluno aprenda a passar do nível de “fala simples” sobre fatos, fenômenos e objetos, para o nível do discurso.

## **6 A GUIA DE CONCLUSÃO: ARTICULANDO OS TEMAS PST, VIOLÊNCIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO FÍSICA**

A violência escolar está sendo um dos maiores desafios para a prática pedagógica, sendo constatado diariamente nas escolas por situações de vandalismo. Muitas vezes não são abordadas e nem discutidas dentro da sala de aula. Uma questão relevante de ordem social deve ser abordada desde o início da formação do docente.

Segundo o autor Cubas (2006), a escola é um lugar de interação com o diferente e quando não é problematizada nas aulas os alunos buscam se impor pela força e pela agressão para chamar a atenção. É neste momento que os professores passam a exercer uma função muito importante na formação do aluno, construindo estratégias de prevenção e intervenção na realidade através de suas ações pedagógicas transformando o cenário de violência, pois não sendo discutida ela acaba ultrapassando os limites da escola e atingindo a sociedade.

Segundo as propostas pedagógicas da educação física o esporte pode discutir a violência escolar, através dos jogos e suas regras possibilitando ao aluno o entendimento de sociedade e visão de mundo, contribuindo para a compreensão de regras, direitos, deveres, limites, respeito e companheirismo. Para que isso aconteça o docente deve assumir um papel de agente cultural sabendo identificar os problemas, trazê-lo para a discussão durante a aula promovendo a análise e reflexão junto com o aluno, construindo as possibilidades de transformação de problemas da realidade.

A violência é um reflexo dos comportamentos e relações vividas fora dos portões, trazidas para dentro das escolas, tudo que a criança vê ela reproduz seja algo bom ou ruim, devemos ser uma referência intelectual e moral, para que nossas propostas e intervenções possam ensinar o certo e errado, agregando valores para se tornarem pessoas melhores na sociedade.

Segundo as diretrizes do PST ele é um programa do governo federal que veio para ajudar neste contexto da violência, tendo como objetivo ajudar na reversão do quadro atual de injustiça, exclusão e vulnerabilidade social, tornando o aluno um sujeito capacitado para a participação na vida social, cultural e esportiva. Que através da experiência por meio da participação da aula, torna o aluno capaz de

conhecer, reconhecer e problematizar situações no seu cotidiano, através da reflexão crítica.

O PST tem a função de interferir positivamente na vida das crianças e adolescentes, fazendo com que elas observem a realidade que as cercam, interpretando os dados dessa realidade estabelecendo metas para superar as condições de desfavorecimento em que vivem.

Para que se consiga alcançar os objetivos desejados os conteúdos devem se aproximar da realidade que cada aluno e as aulas devem buscar priorizar o diálogo, a socialização, a co-educação, a criatividade, a criticidade, a análise, a reflexão e a participação dos alunos durante as aulas.

Podemos perceber nas diretrizes do PST - se compreendidas e desenvolvidas pelos professores em sua prática diária - que os conteúdos abordados conseguem se articular com as propostas pedagógicas da educação física contra a violência. Pois ambas têm por objetivo a formação de sujeitos críticos e autônomos para transformação da realidade em que estão inseridos, por meio de uma educação de caráter crítico.

Assim como as propostas pedagógicas críticas, o PST desenvolve em suas práticas a cultura corporal, em que incluem entre outras práticas o esporte, a ginástica a dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e técnicas. Mas, além disso, também inclui valores e atitudes aos alunos no pensar certo.

O sucesso de nossas ações está diretamente relacionado na organização e planejamento de nossas aulas. Para que nossas ações se efetivem e atinjam suas finalidades como o desenvolvimento de valores, sociais, culturais e éticos por meio do esporte educacional são de suma importância o planejamento das atividades conforme a realidade dos alunos.

Finalizando meu trabalho concluo que os programas sociais vêm sendo uma boa maneira para tentar modificar os problemas da vulnerabilidade social. Os programas sociais se levada a sério e forem bem desenvolvidas conseguem prevenir e minimizar a desigualdade social em nosso país que é bastante visível e preocupante, causada principalmente pela má distribuição de renda, falta de investimentos em educação, saúde, e segurança.

Pretendo dar continuidade a este trabalho desenvolvendo uma pesquisa de campo, para verificar se os núcleos do PST desenvolvem suas obrigações conforme exposto nas diretrizes do programa.

## REFERÊNCIAS

BRASIL; **Ministério dos Esportes**. Disponível em: <http://portal.esporte.gov.br>. Acesso em: 12 de outubro de 2011.

ALVES, Renato. As Escolas em bairros com altas taxas de violência: a visão dos professores. In: \_\_\_\_\_. **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: ANDHEP: Impr. Oficial, p. 109 – 149. 2006.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. 2.ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIault, Marguerite. **A violência na escola**. 2. ed São Paulo: Summus, 1989.

CUBAS, Viviane de Oliveira. Bullying: Assédio Moral na Escola. In: \_\_\_\_\_. **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: ANDHEP: Impr. Oficial, p. 175 – 206. 2006.

DONATELLI, Dante. **Quem me educa: a família e a escola diante da (in) disciplina**. São Paulo: Arx, 2004. 200 p.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa** / Paulo Freire. —São Paulo: Paz e Terra, 1996. —( Coleção Leitura)

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. 160 p.

MATTOS, Mauro de. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em Educação Física: Construindoseutrabalhoacadêmico: Monografia, artigo científico e projeto de ação**. Sao Paulo: Phorte, 2004.

Oliveira, Amauri Aparecido Bássoli de; Perim, Gianna Lepre. **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão a prática**.(organizadores)- Maringá: Eduem, 2009.

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: ANDHEP: Impr. Oficial, 2006

WEIL, Pierre. **A criança, o lar e a escola: guia prático de relações humanas e psicológicas para pais e professores**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 200 p